

LUÍSA COSTA GOMES

DUAS

COMÉDIAS



RELÓGIO D'ÁGUA



Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000 Lisboa
Telef.: 847 44 50 Fax: 847 07 75

Título: Duas Comédias — Um Filho seguido de A Vingança de Antero
ou Boda Deslumbrante

Autor: Luísa Costa Gomes

Capa: Jorge Silva

© Relógio D'Água Editores, 1996

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Impressão: Arco-Íris, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º: 104059/96

Luísa Costa Gomes

Duas Comédias

Um Filho

seguido de

A Vingança de Antero

ou

Boda Deslumbrante

Teatro

Um Filho

1996

Personagens

LÍVIA ROSSETTI, cinquenta anos, pequena, delicada. Lívia é muito suave e parece estar permanentemente a pedir desculpa. Tem um ar abstraído e sonhador.

HEITOR ROSSETTI, marido de Lívia, cinquenta e cinco anos, alto e magro. Foi pianista, presentemente trabalha como representante comercial dos pianos Sakamura. É do tipo cínico, viciado em anedotas, ditos de espírito, adivinhas e jogos disparatados.

HERNÂNI ANTAS, o filho de Laura Antas, é do tipo tímido e sossegado. Vinte e cinco anos, baixo, frágil. Expressa-se em monossílabos, mas nunca por insolência ou indiferença. É claramente alguém que não tem muito para dizer. Olha fixamente para quem fala com ele e responde educadamente, embora minimamente. Tem o ar intrigado de quem se pergunta por que é que as pessoas se dão ao trabalho de falar.

JACQUES, o vizinho. Jacques é o tipo nervoso; tem trinta e cinco anos, gordito, de óculos, e fala um Português sem so-

taque. Fala díscontinuamente, parando e arrancando em momentos absolutamente inesperados da frase.

FLORA, a colega de Heitor, é uma mulher grande, de quarenta e cinco anos. É extrovertida, fala alto, ocupa bastante espaço.

DAVID ROSSETTI, filho de Lívia, tem vinte e dois anos, está a acabar a licenciatura em Arqueologia. Herdou da mãe a ânsia de agradar. É alto, bonito, inteligente, activo, divertido, meigo — e tudo o que se possa imaginar de maravilhoso.

A acção passa-se toda na mesma sala-de-estar.

Na direita alta é a porta da rua.

Na esquerda alta, dois sofás virados para a direita, diante do televisor; entre os sofás, uma pequena mesa com um candeeiro. O televisor está quase sempre ligado e é uma presença forte constante. Por vezes não tem som.

Na direita baixa um par de *senhorinhas* estofadas de veludo azul, voltadas para a frente e entre elas uma mesa redonda de pé-de-galo. Contra as paredes, à esquerda e à direita, louceiro e estantes.

A porta da cozinha é na esquerda baixa. Junto dela, há uma grande mesa com quatro cadeiras. Os dois conjuntos de sofás e a mesa de jantar estão dispostos de forma a constituir um triângulo equilátero. A sala está limpa e arrumada, com bastante espaço livre entre os móveis.

ACTO I

(HEITOR e LÍVIA estão a ter uma discussão. Ambos de pé junto à mesa grande, na esquerda baixa, Heitor andando de um lado para o outro diante de Lívia, que se apoia nas costas de uma cadeira, de olhos baixos. A televisão ainda está desligada. São umas sete da tarde).

HEITOR *(desdenhoso)* — És tão *boazinha!* *(Pausa)* As pessoas não deviam ser tão *boazinhas...* Não é natural, não é coisa que se faça... *(Pausa. Olha para Lívia, que olha fixamente para ele)* E por que é que estás a olhar para mim? Tens é de fazer qualquer coisa!

LÍVIA, *(baixo, para si)* — Sim, eu sei... mas o quê?

HEITOR — Põe-no fora, põe-no fora, com mil diabos! Faz qualquer coisa! *(Pausa)* E depois, não percebo qual é o espanto! Se o Gengis Kã batesse ali à porta e dissesse que era o meu pai... a minha madrasta... tu engolias! Acreditas em tudo! E toda a gente faz de ti parva! Toda a gente! As pessoas estão sempre a abusar de ti... e é bem feita!

LÍVIA — *(baixo, para si)* Acho que confiei nele.

HEITOR — (*cortante*) Tu eras capaz de confiar no Zé do Telhado se ele te fizesse uns olhos ternos e apelasse para o teu bom coração, para os teus sentimentos humanitários. Rai's parta o bom coração! (*Pausa*) Já reparaste que o tipo está aqui há um mês?

LÍVIA — É claro que já reparei.

HEITOR — Bom, mas é que ele não faz nada, não faz a ponta de um corno! Passa o dia deitado na cama, bebe o leiteinho, come os cereais, vê televisão... até parece que estou a falar de algum bebé! (*Ri*) Vinte e cinco anos! Ele tem vinte e cinco anos, ou pelo menos é o que ele diz. Quem é que ele pensa que é? Algum Marlon Brando?

LÍVIA — Mas tu lembras-te de cada comparação... Gengis Kã, Zé do Telhado, Marlon Brando...! Fica tão estranho, numa conversa a sério!

HEITOR — (*impaciente*) E quem é essa Laura?

LÍVIA — (*cansada*) Já te disse mais de cem vezes. A Laura Antas morava no apartamento ao lado do meu, quando eu saí de casa dos meus pais para vir estudar em Lisboa. Ela fazia-me muita companhia...

HEITOR — É, é, já me disseste umas cem vezes que ela te fazia muita companhia, que te sentias muito sozinha... Mas o que eu pergunto é se isso te obriga a recolher o filho dela durante um mês, cama, mesa, roupa lavada, sabe-se lá até quando? Fizeram algum pacto de sangue? Fizeste alguma promessa? (*Pausa*) Há quanto tempo é que não a vês?

LÍVIA — Já te disse: há mais de trinta anos.

HEITOR — É verdade, já me tinhas dito e eu respondi-te que achava completamente ridículo que tu te julgasses obrigada a receber o filho de uma vizinha que não vês há trinta anos! Ou vocês eram assim tão chegadas?

LÍVIA — Já te disse, nem sequer éramos amigas. Só boas vizinhas. E ela fazia-me...

HEITOR — Muita companhia, já sei. (*Pausa*) Não percebo. Realmente, não consigo perceber. E agora descobriste...

LÍVIA — ... (*timidamente*) ... que ele, afinal, não pode ser filho dela.

(*HEITOR ri-se; LÍVIA atravessa o palco para se sentar na sua senhorinha à direita. Senta-se e continua como se estivesse a falar sozinha*). Não, o erro foi meu. Perguntei-lhe quem é que ele era e ele disse “eu sou o filho da Laura, lembra-se da Laura Antas?” e eu disse: “Ah, sim... muito bem!”...

HEITOR (*interrompendo*) — Ela fazia-me imensa companhia!

LÍVIA — E depois perguntei “Então e a Laura, como é que está? Há anos e anos que não a vejo!” e ele: “Ela morreu”. “Ah!,” disse eu, “que coisa horrível!”. E depois ficámos ali à porta a olhar um para o outro e a sorrir todos tristes. Acho que tentava encontrar parecenças entre a Laura e o filho, e por um momento até me convenci de que os olhos tinham a mesma expressão que os dela, mas depois tornou-se evidente que não havia nada de comum entre eles... mas eu já não a via há tanto tempo... E lembro-me de ter pensado: “Ele tem um ar tão débil!”.

HEITOR — Tão quê?

LÍVIA — Tão débil, foi o que eu pensei.

HEITOR — E então partiste do princípio de que este era o filho da tua amiga Laura Antas...

LÍVIA — Parti do princípio de que ele era o filho da Laura. Mas ontem, quando estava a ver aquela palermice do concurso na televisão e a pensar nisto e naquilo, apareceu-me, num clarão, percebi... assim de repente, lembrei-me de que o apelido dela não era Antas. O apelido dela não era Antas, isso, de certeza absoluta.

HEITOR, *(impaciente)* — Mas é claro que não era Antas! Tornou-se parte da grande família dos Antas depois de casar. É o nome do marido, minha tonta.

LÍVIA — Não, a Laura nunca chegou a casar.

HEITOR — Mas se não a vês há trinta anos e o Hernâni tem vinte e cinco, como é que...

LÍVIA — Sei, porque me disseram. Não sei quem.

HEITOR *(perdendo o interesse, sentando-se, abrindo o jornal)* — Que história medonha, meu amor. Para já temos uma solteirona e um pimpolho que se parece com o Tutankhamon. *(Pausa)* Mas como é que sabes que ela nunca se casou? *(Pausa)* E porque é que falas tão tragicamente em ter confiado nele? Parece-me evidente que o erro foi teu.

LÍVIA — Confiei que ele era quem eu pensei que ele era. Para mim, a Laura era a minha vizinha Laura... e não me lembro do apelido dela...

HEITOR — A confusão do costume. Não se trata de confiança. Recebeste em nossa casa um estranho completo porque tens um coração de ouro. E ainda por cima com uma mãe totalmente morta às costas, como é que tu lhe ias resistir?

LÍVIA — Parti do princípio que ele era quem eu pensava que ele era. Não é nada do outro mundo. Acontece.

(HERNÂNI desce a escada e entra pela direita; há-de vestir a mesma T-shirt e as mesmas calças de ganga durante toda a peça).

HERNÂNI — Posso ligar a televisão?

HEITOR — À vontade.

LÍVIA — Vou-te buscar um copo de leite.

(LÍVIA levanta-se e vai à cozinha. HERNÂNI senta-se no sofá mais próximo da mesa, diante do televisor. LÍVIA entra com um copo de leite e dá-o a HERNÂNI).

HERNÂNI — Obrigada. Desculpe.

(HEITOR atravessa o palco e vai postar-se atrás do sofá da esquerda, a olhar para a televisão. HEITOR, LÍVIA e HERNÂNI olham em silêncio para a televisão, depois LÍVIA esgueira-se para o seu lugar, na senhorinha à direita e senta-se. Fica a olhar em frente. HEITOR olha para HERNÂNI, depois senta-se no sofá ao lado do dele).

HEITOR — Então, o que é feito?

HERNÂNI — Não muito.

HEITOR — O que é que fizeste hoje?

HERNÂNI — Dormi o dia quase todo, acho eu.

HEITOR — E o que me dizes da nossa linda cidade?

HERNÂNI — Linda.

HEITOR — Estás a pensar ficar cá, ou...

HERNÂNI — Ainda não sei.

HEITOR — E estás a pensar arranjar um emprego... ou...

HERNÂNI — Sim, talvez. Não sei ainda.

HEITOR — Os jovens têm de trabalhar... não podem ficar na cama a dormir todo o dia como uns panchos... sombrero, sol, papo para o ar, não sei se estás a ver... isso é para os velhos como nós... os jovens têm de exercitar os músculos, se não ficam todos relaxados... *(HERNÂNI olha para HEITOR, como hipnotizado)* O cabelo começa a cair, as pálpebras ficam moles, as articulações anquilosadas, a digestão não se processa convenientemente, o sangue não circula... dormir todo o dia faz um mal dos diabos! É preciso não esquecer que o coração também é um músculo! Com todas estas no-